

Líderes montam agenda para driblar crise

Parlamentares temem, porém, que briga por comando leve a nova paralisação

CIDA FONTES

BRASÍLIA – O Congresso retoma suas atividades na próxima semana com melhores condições políticas para concluir a votação de projetos importantes e voltar à normalidade. Com a saída de Jader Barbalho (PMDB-PA) da presidência do Senado, os líderes partidários esperam ter eliminado o principal ponto de divergência e crêem na possibilidade de a Casa recuperar seu eixo. No entanto, pelo menos nos primeiros 15 dias do mês será necessário administrar os vestígios da decisão de Jader, para evitar que a disputa política em torno de sua eventual sucessão paralise novamente os trabalhos do Legislativo.

Jader fará sua defesa sem o escudo do cargo e seus aliados acham que, com isso, a imagem pública do Senado poderá ser recuperada. Apostam também no bom senso para tirar o Con-

gresso do foco das investigações, deixando tudo nas mãos do Ministério Público.

Durante a negociação que culminou com a licença de Jader, a preocupação dos líderes era com o agravamento da crise política, já que a situação do senador ficara insustentável. "A cada esquina estamos entrando numa crise externa que atrapalha a economia", alertava o líder do PPS, senador Paulo Hartung (ES).

Urgente – Por isso, é praticamente unânime entre os parlamentares, tanto da base aliada como da oposição, a opinião de que é urgente estabelecer uma agenda para o segundo semestre antes mesmo do reinício das atividades, em 1.º de agosto. Ninguém deseja mais desgastes políticos, sobretudo pela proximidade da campanha eleitoral de 2002. Será fundamental, portanto, a reunião do colégio de líderes que o presidente interino do Senado, Edison Lobão (PFL-

MA), marcou para quarta-feira para discutir a situação de Jader e um roteiro de votações que não podem ser adiadas por causa do calendário eleitoral.

Ao construírem solução política para Jader, apesar de ter sido a mais amena das quatro opções, os líderes do PMDB, PFL, PSDB, PT e PPS se fortaleceram. Pretendem recuperar o pulso do Congresso, que estava à deriva depois de pôr na berlinda três dirigentes, todos da base

PMDB VÊ NA DISPUTA RISCO PARA SUA UNIDADE

do governo: Jader e os ex-senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (DF), que saiu do PSDB.

Apesar da estratégia de tirar o caso Jader do âmbito do Senado, os integrantes do PMDB temem uma disputa precoce pela sucessão na presidência do Senado, caso ele não retorne ao cargo. Acirrar a briga agora dificultaria a unidade do partido para a escolha da nova executiva nacional em 9 de setembro, além de mexer

com outros parceiros da base aliada do governo.

A oposição apostava que Jader não voltará ao cargo. Os peemedebistas acham, contudo, que a saída definitiva de Jader poderá facilitar a retomada dos rumos do partido com vistas à corrida presidencial. Isolado, ele não teria credibilidade para o contra-ataque, se decidir dar o troco no Banco Central pedindo apuração de irregularidades sobre a ajuda financeira aos Bancos Marka e FonteCindam, na época da desvalorização do real, no começo de 1999.

Além da solução do caso Jader, o Congresso enfrentará nos próximos dois meses um movimento frenético de troca-troca de partidos. O prazo de filiação dos políticos que queriam ser candidatos em 2002 termina na primeira semana de outubro e o resultado pode ser uma nova correlação de forças.

Ainda em agosto, o presidente Fernando Henrique Cardoso deverá definir o nome do líder do governo no Senado. Desde o afastamento de Arruda, o posto é ocupado interinamente pelo tucano Romero Jucá (RR). (Agência Estado)